

A CADEIA VELHA

Grande foi o susto soffrido pelo principe regente quando na Bahia soube que se *preparava* tambem a Cadeia para receber aqui a Familia Real.

É que o feio, pesado e pouco esthetico casarão da rua da Misericordia, onde estava a prisão publica, tinha sido destinado para hospedar a criadagem do Paço, ligando-se para esse fim por ordem do conde dos Arcos ao palacio dos vice-reis, por um passadiço, que foi destruido em 1822.

Taes foram as scenas escandalosas que ahi se deram, fazendo dessa casa bem como da Opera de Manoel Luiz uma verdadeira Torre de Babel, que o povo a denominou *America Ingleza* como synonymo de *casa de Orates*.

Além dos *toma largura* a casa da Cadeia hospedou em tempos anteriores o Senado da Camara, a Relação, e em annos mais recentes o Correio, a Typographia Nacional, a Caixa Economica, o Monte do Socorro e a Inspectoria de Hygiene, no intervallo em que os deputados fizeram depois de proclamada a Republica, suas sessões no palacio de São Christovam. De novo voltaram os augustos representantes para a sua antiga casa, a qual ufana poderia dizer *de deputados fui, de deputados sou*, como o célebre sino que tem a inscrição: de Sancta Rita sou, de Sancta Rita fui o sr. capitão mór me reformou.

Que desde 1672 a Cadeia era nesse local, se prova com uma escriptura de troca de bens entre os monges de São Bento e Clemente Martins de Mattos; nella se falla de uma casa de pedra e cal sita na rua, que vem de S. Francisco para a *Cadeia*. Esse Clemente, dono da grande chacara em Botafogo, foi o instituidor da capella de S. Clemente, que ainda existe, e onde se conserva, segundo é fama, um braço desse Sancto.

No tempo do governador Arthur de Sá e Menezes, em 1699, a Camara, consultada si podia se encarregar do tractamento dos Lazaros, respondia nada poder fazer, porquanto não tinha dinheiro para concertar a sua casa por cima da Cadeia, prestes a desabar.

Por esses dous factos discordei sempre da opinião dos srs. Mello Moraes pae e Moreira de Azevedo, quando sustentam que a Cadeia velha data dos fins do seculo XVI e principios do XVII. Nessa occasião, quanto a mim, se fez a reconstrucção do edificio, muito morosa e que só terminou em 1747. Com a leitura porém dos autos de correição dos antigos ouvidores, publicados no

interessante e utilissimo Archivo Municipal, vi com grande satisfação que já em 1624 se tractava da mudança da Cadeia, do morro do Castello para a varzea da cidade, que ella em 1636 ahi se construiu aos poucos, que se reforçaram com grades as janellas da banda do mar, se creou uma prisão para mulheres, se fez nova sala para sessões da Camara e tambem uma escada na frente em 1641. Essa *frente* foi sempre considerada o lado da rua da Misericordia, onde ainda se vê, transformada em janella, a porta por onde, seguido do carrasco, saíu para o patibulo o Tiradentes.

Não me occuparei aqui das peripecias do processo da Inconfidencia, de que foram testemunhas mudas, as paredes desta casa, nem do facto de se haverem sentado no recinto da Constituinte duas victimas da Conjuração mineira, nesse local para elles de tão lugubres recordações. Isso fica para outra occasião, quando narrar o que me foi contado por uma velha, testemunha desses factos, e corroborado pela célebre poetisa d. Beatriz Assis Brandão, a qual, como se sabe, era prima da Marilia de Dirceu.

A escada, por onde sobem os srs. deputados, foi construida em 1822, por ordem de Martim Francisco, ajudado pelo Biancardi, quando tiveram de aboletar no antigo edificio da Cadeia os membros da primeira representação nacional.

No interior da Cadeia existiu a capella de Jesús instituida por Miguel de Oliveira Portella, testamenteiro de João Ribeiro Corrêa, cujo obito consta do livro 8.º dos enterros da Sé, o qual serviu de 1710 a 1714. Para patrimonio dessa capella fôra vinculada uma casa na *frente da Cadeia*, lado par da rua da Misericordia, casa sôbre a qual tive vagas informações, ministradas por uma senhora, infelizmente fallecida ha pouco tempo.

Cumprê dizer que a capella de Jesús foi benzida em 22 de Dezembro de 1710, pelo conego Miguel de Noronha da Camara, cujo nome encontrei na lista dos priores da Ordem do Carmo, em 1704. Por isso abalanço-me a sustentar que tal casa e tal capella nada tem com a origem e fundação da ermida de S. José, (de data muito anterior), como no *Jornal do Commercio*, de 29 de Setembro ultimo, parece crer o infatigavel historiador da Sancta Casa da Misericordia, fundando-se em um requerimento encontrado nos archivos dessa pia instituição. O referido escriptor, não querendo acceitar o que diz Pizarro, deve lembrar-se que já em documentos da primeira metade do seculo XVI se falla na ermida de S. José, de onde saíu a Irmandade de São Pedro, como consta da historia desta corporação.

Demais o requerimento da Misericórdia é posterior, como confessa o illustre investigador, á lei de 1787, que fazia reverter para a Sancta Casa os encargos pios não cumpridos.

Continuando, *data venia*, direito que a casa cujas paredes são inclinadas em forma de muralhas de fortaleza, foi construída para o *Real Deposito do sal*, como mostrarei, quando, si Deus me der vida e saúde, me occupar da historia da minha parochia de S. José, para o que tenho muitos apontamentos e notas.

Perto da Cadeia estive o pelourinho, removido mais tarde para o largo do Rocio.

Tracto agora de averiguar quem foi um célebre tanoeiro João Antonio, com quem a Camara sustentou questões acêrca de uns terrenos que deviam ficar no ponto, em que mais tarde se fundou a casa dos governadores, transformada em Palacio Imperial e hoje Repartição dos Telegraphos.

Basta; ponto em bocca.

Quem quizer saber mais alguma cousa sôbre a actualidade do edificio da Camara dos Deputados é dirigir-se ao meu velho amigo Horacio Reis, a cujo pedido escrevi estas linhas sôbre as antiguidades da casa, pois da historia moderna desse Paço, a qual daria assumpto para muitos volumes, ninguem melhor do que elle conhece *todas as minudencias*.

13 de Outubro de 1896.

A PENHA

Devotos da Virgem, conservadores das poeticas lendas de outr'ora; devotos do alheio que lá vão para fazer guerra aos bolsos e carteiras do proximo; devotos dos rolos e chinfrins, quebracabeças e fura-tripas; devotos da indifferença, que vão, voltam e olham para tudo aquillo como bois para palacio; devotos dos alfarrabios (estes são muito poucos), que sôbem a Penha para lembrar-se do passado, eis os elementos da grande romaria dessa lendaria festa, que vai perdendo a pouco e pouco a sua antiga e caracteristica feição.

Admirador das crenças dos primeiros, Mello Moraes, fundando-se nas revelações do pae Cangulo e do *Domingos ta danaro*, já escreveu e muito bem sôbre a origem da devoção; dos segundos e terceiros, os jornaes e a policia se occuparão depois de amanhã; dos quartos nem vale a pena falar. Desejo sómente conver-